



**HAL**  
open science

## Mapas do dialogo. Experiencias de mapeamento participativo em Moikarakô (Terra Indigena Kayapo, Para)

Bepunu Kayapo, Pascale de Robert

### ► To cite this version:

Bepunu Kayapo, Pascale de Robert. Mapas do dialogo. Experiencias de mapeamento participativo em Moikarakô (Terra Indigena Kayapo, Para). Kawhage,C & Marinha, H. (org.). Situação socioambiental das Terras Indigenas do Para. Desafios para a elaboracao de politicas de gestao territorial e ambiental., SEMA, pp.127-136, 2011. mnhn-04514298

**HAL Id: mnhn-04514298**

**<https://mnhn.hal.science/mnhn-04514298>**

Submitted on 22 Jun 2024

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE  
DIRETORIA DE ÁREAS PROTEGIDAS  
COORDENADORIA DE ECOSISTEMAS  
GERÊNCIA DE GESTÃO AMBIENTAL EM TERRAS INDÍGENAS



# **SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DAS TERRAS INDÍGENAS DO PARÁ**

DESAFIOS PARA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS  
DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL

CLAUDIA MARIA CARNEIRO KAHWAGE  
HAYDEÉ MÁRCIA DE SOUZA MARINHO  
ORGANIZADORAS

BELÉM-PA  
2011





## 2.8 MAPAS DO DIÁLOGO EXPERIÊNCIAS DE MAPEAMENTO PARTICIPATIVO EM MOIKARAKÔ, TERRA INDÍGENA KAYAPÓ, PARÁ

*Beninu Kayapó<sup>35</sup>  
Pascale de Robert<sup>36</sup>*

Durante vários anos, os indígenas Mebêngôkre-Kayapó da aldeia Moikarakô na TIK (Terra Indígena Kayapó, Estado do Pará) fizeram trabalhos de cartografia em colaboração com antropólogos e geógrafos do IRD (um instituto de pesquisa científica Francês) e do MPEG (Museu Paraense Emílio Goeldi, de Belém)<sup>37</sup>.

Portanto, apresentaremos neste artigo alguns resultados de uma experiência bastante extensa, em que realizamos atividades de mapeamento participativo a partir de imagens de satélite, com objetivos que foram evoluindo ao passar do tempo em função das demandas da comunidade, das possibilidades dos pesquisadores e dos objetivos de ambos.

É importante especificar que apresentamos aqui o resultado de um trabalho coletivo para o qual participaram muitas pessoas que estiveram dentro ou fora da aldeia e também em um trabalho que está ainda inacabado, em virtude de continuarmos a melhorar ainda hoje os nossos mapas.

Atualmente, velhos e jovens concordam com a ideia de que é muito importante fazer mapas, pois, no começo da experiência, nós observamos que não sabíamos ler no papel, nem ler os mapas que já existiam, nem fazer os mapas que precisávamos. Foi possível perceber o poder dos mapas, também para apoiar as lutas do povo Mebêngôkre. Agora, nós jovens, já começamos a fazer, ou seja, a aprender e utilizar sozinhos esse instrumento que antes era exclusivo dos kuben, “brancos” ou não índios.

A aldeia Moikarakô é habitada pelo povo indígena Mebêngôkre, também chamado Kayapó, e conta com cerca de 300 habitantes (figura 1). Faz dez anos, que a aldeia se encontra na beira do Riozinho, um afluente do rio Xingu que atravessa a Terra Indígena Kayapó (TIK). Este importante território indígena homologado em 1991 depois de muita luta se estende sobre 32.840 km<sup>2</sup>, essencialmente cobertos de floresta. Moikarakô pertence ao Distrito de São Félix do Xingu, no sul do Estado do Pará.

<sup>35</sup> Pesquisador Indígena Kayapó, Aldeia Moikarakô.

<sup>36</sup> Antropóloga, Pesquisadora do IRD-Francês, e-mail: kokopieti@yahoo.com

<sup>37</sup> As nossas pesquisas com mapeamento participativo como ferramenta metodológica foram realizadas nos programas “As Cidades como Lócus do Desenvolvimento Sustentável do Território na Amazônia” do CNPq-UFRJ/IRD, “Manejo Atual da Agrobiodiversidade Mebengokre (Pará)” do CNPq-MPEG/IRD, “Aprimoramento das estratégias de vigilância para a fronteira norte da Terra Indígena Kayapó” do PDPI-AFP/IRD e “Outil d’aide à la gestion d’Aires Protégées amazoniennes par les populations locales” do SEAS/IRD. Agradecemos as instituições aqui citadas, os colegas que participaram dos trabalhos e sobre todo a comunidade de Moikarakô.

Tivemos a ideia de trabalhar com mapeamento nesta aldeia a partir de desenhos feitos no chão, quando os idosos de Moikarakô explicavam para os pesquisadores a história dos Mebêngôkre, desenhando as localizações das aldeias antigas e novas, contando as guerras, as cisões e as fundações de aldeias, traçando na terra os caminhos e os rios da “nossa terra”. Dessa maneira, eles faziam compreender as dinâmicas sociais e os usos tradicionais do território revelando “os mapas que temos na cabeça” que também são os mapas que os permitem andar no mato sem se perder nunca. Finalmente, nos entendemos que mapas podem ser muitas coisas, podem ser, por exemplo, desenhos no chão, podem ser também aqueles que nós já estamos mais acostumados a ver no papel.

Desde então, realizamos vários trabalhos de cartografia participativa. Para esta apresentação, decidimos mostrar três tipos de resultados, relativos às três etapas principais da nossa experiência na aldeia Moikarakô e que correspondem também, na verdade, aos diferentes objetivos - e portando diferentes métodos - que executamos ao longo dos anos. Assim, nosso primeiro objetivo geral foi de **mostrar o nosso território**. Depois ficamos preocupados em **registrar os nossos conhecimentos** e agora queremos mais resultados para **proteger a nossa floresta**.

Na hora de começar um trabalho, sempre nos perguntamos para quê? E para quem queremos fazer o mapa? Pois, como foi possível constatar durante essas experiências de mapeamento participativo na aldeia, os mapas podem servir para vários objetivos. Podem ser utilizados para mostrar alguma coisa, mas também podem esconder objetos e informações. Dessa maneira, os mapas são um instrumento de comunicação que é possível utilizar para melhorar o diálogo entre as pessoas, as gerações, as aldeias, as instituições e entre os povos.

### 2.8.1 Mapas para mostrar o nosso território

Porque e como começamos a trabalhar com mapas? Nós começamos observando os mapas que foram comprados nas livrarias e bancas de jornal das cidades vizinhas. Ficamos muito surpreendidos de constatar que no mapa do Estado do Pará não apareciam os territórios dos indígenas. No lugar da TIK (Terra Indígena Kayapó), nós vimos um espaço que parecia vazio com pouquíssima informação. Constatamos também que não se podiam visualizar corretamente os nomes das aldeias e que as suas localizações eram muito aproximativas ou errôneas, nem os nomes dos rios estavam sempre certos.

Então a primeira demanda da Comunidade Kayapó de Moikarakô foi de fazer um mapa que não possuísse as informações erradas. Contudo, quando os Kayapó perceberam o poder dos mapas, eles quiseram construir outros tipos de documentos que representassem todo o território indígena. “Eles

dizem que a nossa terra é vazia? Vamos, então, fazer o nosso mapa”. Os primeiros mapas tinham o objetivo de mostrar o nosso território aos que pareciam desconhecê-lo, de fazer reconhecer a sua existência e, sobretudo, os seus limites legais.

Trabalhamos a partir de imagens de satélite Lansat, que são mais facilmente acessíveis. Foi elaborado um mosaico de quatro imagens que permite contemplar uma parte significativa da TIK e seu entorno imediato e iniciar dessa maneira um trabalho de reconhecimento do território de forma global.

Todo mundo na aldeia ficou impressionado de constatar, nas imagens, o contraste entre a parte de cor verde que é de floresta que está na Terra Indígena e a parte rosa que são as áreas das fazendas e áreas desmatadas no entorno da TIK.

Os conflitos relativos à apropriação de terras são extremamente violentos no noroeste da terra Kayapó e se intensificaram numa frente de desmatamento recente. Através dessas imagens de satélite, podemos observar facilmente o avanço do desmatamento ao redor da TI dos Kayapó. Ao norte e a leste, a TIK está completamente rodeada por áreas de pastagens que pertencem a grandes fazendas e áreas de pastagens menores, plantadas por pequenos produtores migrantes. No sul e no oeste, se expandem progressivamente as frentes da soja. Finalmente, a TIK se parece com uma ilha de floresta verde num mar rosa de pastagens e estradas.

Dessa maneira, as imagens permitiram visualizar na aldeia as ameaças atuais sobre o território indígena. Por tudo isso, foi decidido que era importante marcar as fronteiras territoriais que não constavam nos mapas comprados na cidade, desenhando os limites da TIK (com base no mapa e documentos da FUNAI) em cima do mosaico de imagens e afirmando o contraste entre florestas e áreas desmatadas.

Nesse processo e durante uma festa tradicional, quando pessoas de muitas aldeias foram a Moikarakô 2, os Kayapó decidiram que deveriam deixar de marcar os limites territoriais internos (que mostram as separações entre aldeias) e as diferentes categorias de florestas (para evitar a facilitação da exploração ilegal de madeira).

O primeiro resultado cartográfico teve finalmente uma orientação política marcante; o mapa devia representar todo o território, com as aldeias, os rios e os limites corretos da TIK, mas não os conhecimentos botânicos e também não as divisões internas do povo Kayapó.

Trabalhamos muito as legendas: inventamos uma bandeira para nossa aldeia e também quisemos afirmar que nós mesmos, junto com o nosso território, éramos também parte do Estado do Pará, do Brasil, da América Latina e do mundo.

## Experiência de Mapeamento Participativo

Foto Anne Elizabeth Laquês



Reunião sobre mapas em Moikarakô



O Jovem Bepunu Kayapó e seu tio Pàt'hi, trabalham

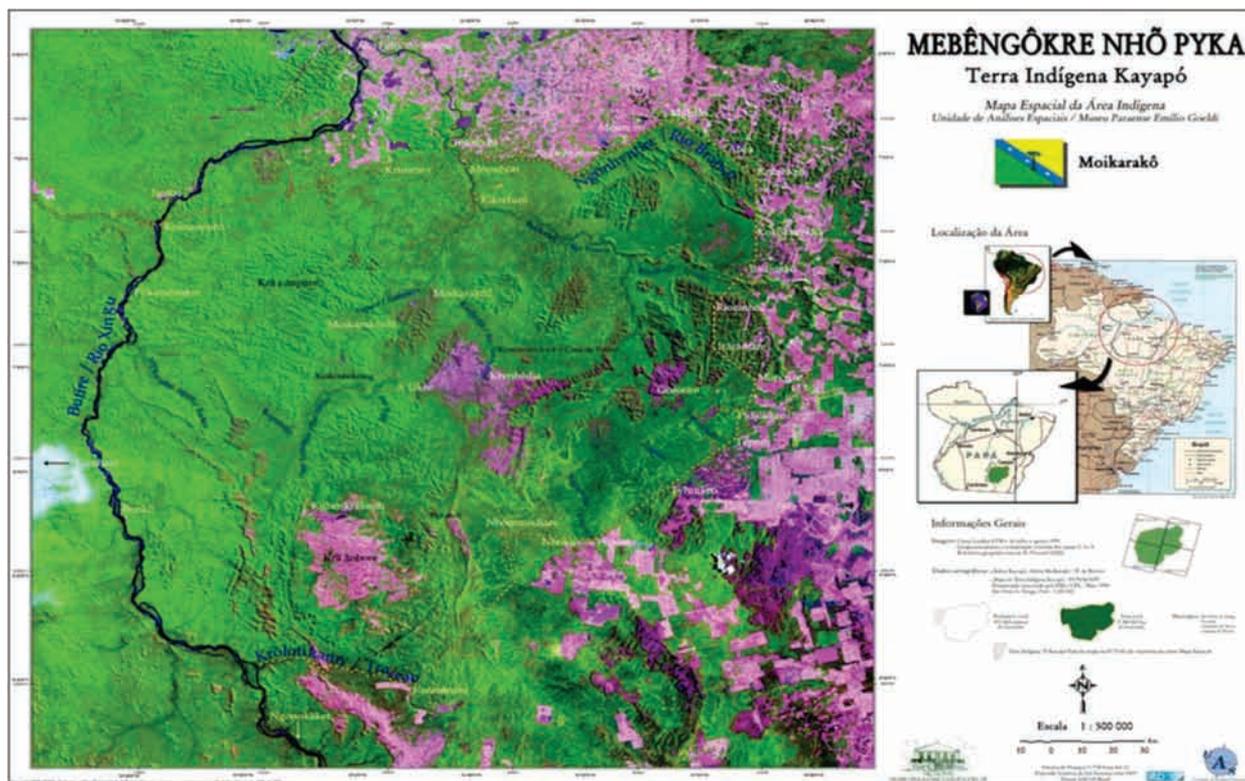


Figura 1: Mapa Mebengokre nhô pyka,. A Terra Indígena Kayapó e o seu entorno. As imagens de satélite permitem perceber as ameaças territoriais. Fonte: IRD

O mapa resultante (mapa 1) pode então ser um instrumento de diálogo com os “outros”, os kuben (não índios), e foi utilizado durante reuniões fora da aldeia para mostrar os limites da TIK, a conservação da floresta e a união do povo Mebêngôkrê.

## 2.8.2 Mapas para registrar os nossos conhecimentos

Numa segunda etapa, ficou evidente que o mapeamento participativo podia também ser utilizado numa perspectiva mais local. Assim como os mapas podem apoiar o reconhecimento do nosso território pelos outros (não índios), eles também podem constituir um suporte interessante para informações que interessam, em primeiro lugar, aos Mebêngôkre.

Nessa fase, foram fortalecidos os processos de apropriação das técnicas de mapeamento. Na aldeia, às pessoas que desejavam participar tinham a possibilidade de desenhar (objetos, caminhos, lugares,) em cima da base cartográfica “vazia” que foi elaborada na primeira fase.

Os jovens mais interessados, como Bepunu Kayapó, organizaram o trabalho em parceria com seus tios mestres (Figura 3). Juntos, fizemos um registro dos nomes de lugares (toponímia) e dos caminhos, no transcurso da história de uma vida que conta também parte da história do nosso povo. Porque normalmente são os velhos que sabem andar no mato, que conhecem o lugar onde acampar, o lugar para pescar, o lugar para tirar a castanha, o lugar para caçar. Dessa maneira, fizemos mapas para registrar o conhecimento dos *mebenguet* (anciões) que são os que sabem muito: os *mebenguet* conhecem todos os lugares e contam as histórias de nossa terra e as andanças do grupo. Ao mesmo tempo, os jovens procuram os lugares e os caminhos de antigamente nas imagens de satélite e escrevem os nomes na língua Mebêngôkre.

Essa atividade promoveu o diálogo e transmissão de conhecimento entre gerações. Para fazer esse mapa (Mapa 2), pegamos todos os nomes dos lugares com os velhos Apex Kayapó, Mote Kayapó, Pan-i Kayapó, Kapotkamiure Kayapó e colocamos no mapa. Porém, isso foi um resultado que será melhorado futuramente, pois a nossa ideia é de levar o mapa base nas outras aldeias para encher todo o mapa da TIK com nomes de lugares.

A metodologia escolhida para esse próximo trabalho de mapeamento será de distribuir em cada aldeia um ou vários exemplares de mapas “vazios” que serão preenchidos e coloridos com nomes de lugares para depois criar outro mapa juntando todas as informações recolhidas em todas as aldeias.

O nosso objetivo é de mostrar que todo lugar tem um nome e que também pode ter uma história particular. Isso é importante porque os anciões sabem muitas coisas que os jovens não sabem e que precisaremos ensinar as novas gerações. Nós temos menos oportunidades de andar no mato e de co-

nhecer o território que no passado, pois a vida dos indígenas na atualidade é mais sedentária. Também é importante registrar a toponímia porque alguns não índios que veem o mato como se fosse tudo fechado podem pensar que aqui não tem índios.

Nós, indígenas, conhecemos os lugares, incluindo os lugares que estão fora da Terra Indígena, pois os lugares chamados hoje São Félix do Xingu, Redenção, Ourilândia tinham outros nomes e eram habitados por indígenas que tiveram que deixar seus territórios para mudar para aldeias como, por exemplo, Gorotire.

Outro trabalho de mapa que fizemos para registrar conhecimentos tradicionais, foi realizado mais especificamente com as mulheres de Moikarakô. Os mapas das roças (mapa 3) foram elaborados numa pesquisa sobre agricultura Mebêngôkre, com o objetivo de registrar e valorizar a diversidade das plantas cultivadas a nível de espécies e também de variedades. Para trabalhar na escala da roça cultivada por cada família, fizemos croquis *in situ* (no lugar) com ajuda de GPS conjuntamente com as mulheres, para representar a diversidade dos cultivos e a sua distribuição no espaço da roça e do território da aldeia.

Como aconteceu com os mapas dos caminhos, os pesquisadores são solicitados para acompanhar os jovens que querem continuar o trabalho de mapeamento participativo das roças em outras aldeias, onde se registrou as principais variedades de plantas cultivadas (batata doce, inhame, mandioca e, milho), que são muito importantes para a alimentação dos Mebêngôkre.

### 2.8.3 Mapas para proteger a nossa floresta

Como podemos constatar, os mapas foram rapidamente apropriados pelos Mebêngôkre como uma nova ferramenta para a realização dos seus objetivos próprios. Hoje, para muitas pessoas no Brasil, os Kayapó ainda são famosos pelo seu caráter guerreiro igualmente como eram considerados no passado. E de fato, os mapas podem constituir uma arma suplementar nas lutas para o reconhecimento dos direitos indígenas, para a valorização e a proteção dos conhecimentos tradicionais e também para a proteção da floresta e do território.

A fronteira norte da nossa Terra Indígena Kayapó é chamada “linha seca” porque não segue o traçado de um rio, sendo marcada de forma pouca visível na floresta e situada ao sul do Município de São Félix do Xingu, onde existem grandes fazendas. A “linha seca” é regularmente atravessada de forma ilegal pelos não índios. Alguns anos atrás, nós ficamos muito preocupados de constatar uma invasão onde existia a presença de grandes áreas desmatadas perto da “linha seca”. Mais tarde, foi pos-

sível constatar o estrago feito pelos invasores na imagem de satélite. Essa invasão mobilizou as pessoas da comunidade que estavam preocupadas que acabaram por solicitar aos pesquisadores para terem formações em curso de GPS e cartografia. Nós entendemos que os mapas também poderiam ser uma arma para vigilância e fiscalização e também para planificar a proteção e o manejo dos nossos recursos.

A partir deste momento que se constatou a invasão e houve a mobilização dos Kayapó para terem formações específicas em instrumentos cartográficos, a gente começou a trabalhar uma escala melhor, com imagens Spot com melhor definição que foi adquirida para um dos projetos de pesquisa com o IRD.

Com a Associação Floresta Protegida, associação indígena dos Mebêngôkre do Pará, montamos junto com as outras aldeias da TIK um projeto voltado para vigilância participativa nas áreas protegidas, onde a gente trabalha com o PDPI, a FUNAI e os pesquisadores. Dessa maneira, foi possível participar de um curso de agente ambiental em Tucumã e depois na aldeia Pykararãkre, onde nós jovens também aprendemos como reconhecer uma invasão realizada por pescadores ou fazendeiros e como trabalhar como agentes ambientais.

Finalmente, vemos que os mapas podem ajudar na vigilância territorial e também foi nessa oportunidade de encontro com as outras aldeias que surgiu a idéia de ampliar o trabalho de mapeamento dos nomes de lugares começado em Moikarakô.

Desde o momento que estamos aprendendo a utilizar o GPS e imagens em definição maior, foi possível realizar outros tipos de mapas pensando também no manejo dos recursos para a subsistência e para a geração de rendas no futuro. Por exemplo, os jovens mapearam alguns dos castanhais que se encontram perto da aldeia, com seus caminhos principais (mapa 4). Nesse caso, fomos andando no mato marcando os pontos com GPS e depois colocamos no computador para fazer o mapa do caminho em cima da imagem. Esse trabalho foi iniciado com os castanhais. Em conjunto com a nossa Associação AFP e as aldeias vizinhas de A'Ukre e Kikretum, trabalhamos recentemente para obter uma certificação da castanha, pois hoje ela é a nossa principal fonte de renda que necessitamos comercializar melhor. Nessa perspectiva, a cartografia dos castanhais (atualmente em processo de elaboração) é um passo determinante. Também realizamos os mapas individuais como, por exemplo, o mapa do Bari'y Kayapó que quis fazer o seu próprio mapa de caça com GPS (Mapa 5).

Agora queríamos falar do mapa das florestas feito pelos jovens durante uma formação de cartografia em Moikarakô (Figura 4). A primeira atividade que nós fizemos foi escolher quatro grupos, quatro turmas para cada uma delas trabalhar numa parte do mapa de Moikarakô. Começamos trabalhando no ngobe, ou seja, a casa dos homens no centro da aldeia, para desenhar na imagem de satélite,

escolhendo uma cor diferente para cada tipo de coisa que podíamos ver na imagem e que queríamos mostrar no mapa. Por exemplo, podemos fazer de azul o mato fechado e a lagoa de vermelho. Podemos ver uma roça que chamamos de puru tum, quer dizer roça velha e pintar ela de uma cor diferente do que a puru ny que é uma roça nova e assim por diante. É importante fazer a legenda juntos para decidir o que queremos mostrar com o mapa, que cores e desenhos vamos utilizar, pois essas coisas que colocamos aqui são as informações que irão aparecer no mapa final. Aí ficamos curiosos para irmos aos lugares que estão desenhados no mapa.

Então, os quatro grupos andaram no mato para tirar os pontos do GPS de tudo o que está na legenda: da floresta batuk, da floresta vermelha, das roças, das aldeias, de uma serra e um rio que se chama rio teporen, o Riozinho onde nos moramos. Depois colocamos os resultados no computador e com os pesquisadores, conseguimos fazer um mapa, juntando o trabalho das 4 turmas (Mapa 6).

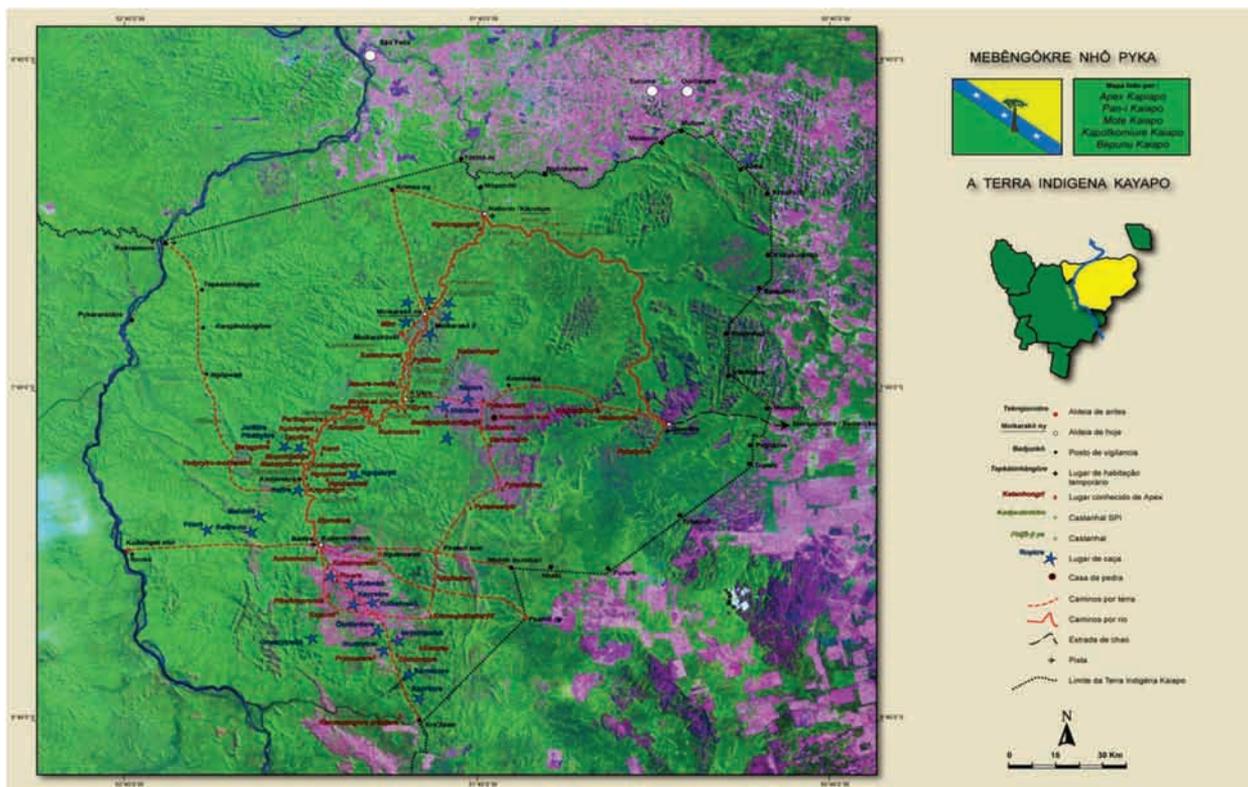
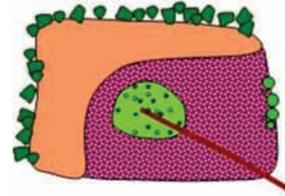
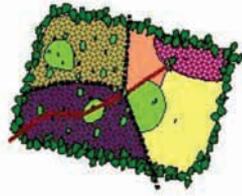
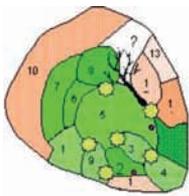
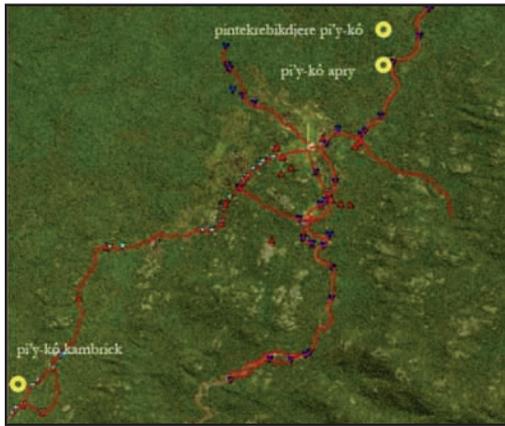


Figura 2: Mapa dos caminhos e dos lugares de Apex, Pat-i, Kapotkamjure e Mote.  
Fonte: IRD

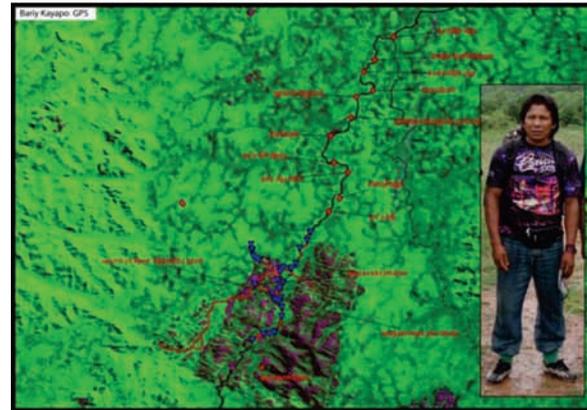
### Mapas produzidos pelos Kayapó de Moikarakô



Os mapas das roças tiveram o objetivo de registrar a diversidade agrícola  
 Fotos: Pascale de Robert.

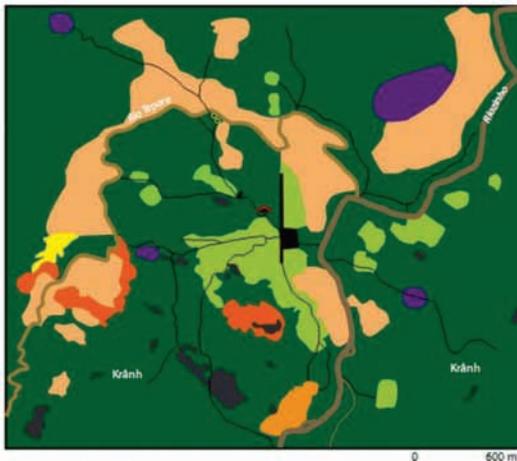


Mapas de castanheiras e caminhos de acesso  
 Fonte: IRD



Mapa dos caminhos de caça  
 Crédito: Bari'y Kayapó

### Moikarakô (2007)



bā-tūk mata fechada	ngo rio	<b>Turma 1</b>	<b>Turma 4</b>
tā-kambrek mata	pry camino	Kókômörti	Bari
imô mata com lagoa	Pidjô-djam Pé de manga	Beptoti	Kukó'i
puru roças	pyka-krâ	Kókôngoti	Pidjókâre
mry nhô kapôt êzenda	kikre casa	Patykkre	Okêt
kapôt campo	manka nhô kapot / krimex pista e aldeia	Bekrê	Bepbâjti
kamerekak-kô açazal		<b>Turma 2</b>	<b>Turma 3</b>
ken-po pedra de montanha		Mrykakryt	Takákma
		Bepkyre	Kaprem
		Pânhki	Kókôrêti
		Ngâkrâry	Maduk
		Beppunu	Pinky
			Bepdjâ
			Pâtikâre

Mapa das Florestas  
 Fonte: IRD.

Nesse mapa final, essas partes coloridas que vocês agora também podem ver foram as coisas que nós jovens conhecemos um pouco. O mapa das turmas é um mapa sobre a variedade das coisas. Nós temos vários tipos de mato/vegetação. Aí no mapa podemos ver uma lagoa (imo), uma roça velha, uma fazenda (mry nhõ kapót), um tipo de cerrado pintado de amarelo, um açaizal, uma pedra de montanha. Mas, os velhos têm ensinado todos os lugares e falam que ainda tem muita coisa para colocarmos no mapa.

Tem muitos lugares que nós não sabemos. Nós jovens agora ficamos curiosos para conhecer mais outros lugares e andar na nossa terra, marcando o ponto com o GPS. Faremos outros mapas, juntos.

Achamos importante, para terminar, lembrar o que aprendemos no transcurso dessas nossas experiências em Moikarakô, que é importante lembrar para todo mundo que trabalha com mapeamento participativo.

Um mapa pode servir para mostrar ou para esconder algum objeto ou informação. O mapa pode legitimar valorizar, servir para reivindicar território, afirmar identidade étnica, registrar história e conhecimentos, planificar o manejo sustentável dos recursos e marcar as fronteiras. Na verdade, é uma ferramenta de luta. O mapa também revela diversas representações do mundo.

Então queremos comunicar que nesta experiência em Moikarakô, junto aos Kayapó, os mapas foram e ainda são instrumentos de diálogo entre os kuben (os não índios) e os indígenas, isto é, entre quem conhece e quem não conhece um lugar, entre quem sabe ler e quem não sabe. Também vimos que podem ser instrumentos de diálogo entre velhos e jovens, entre os Kayapó a sociedade civil e até mesmo com os poderes públicos.